

CHAMADA

Revista **de Estudios Sociales**

A ira: uma abordagem multidisciplinar

Editores convidados

Inmaculada Hoyos, Universidad de Granada, Espanha

Javier Moscoso, Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC), Espanha

Recepção de artigos

1 a 31 de outubro de 2023

A *Revista de Estudios Sociales (RES)* da Universidad de los Andes (Colômbia) convida a comunidade acadêmica a submeter artigos para sua edição especial: “**A ira: uma abordagem multidisciplinar**”.

Editores convidados:

Inmaculada Hoyos (Universidad de Granada, Espanha)

Javier Moscoso (Consejo Superior de Investigaciones Científicas [CSIC], Espanha)

Os artigos devem ser submetidos entre 1 e 31 de outubro de 2023

Serão aceitos textos em **inglês, espanhol e português**, que devem cumprir com as regras editoriais e com as instruções para autores da *RES*.

(<https://revistas.uniandes.edu.co/for-authors/res/editorial-policy>)

Todos os artigos devem ser enviados pela plataforma:

<https://gestionrevistas.uniandes.edu.co/index.php/res/login>

Apresentação

Há algumas décadas, diferentes campos e metodologias vêm começando a se perguntar sobre o papel que a ira desempenha ou desempenhou em diversos contextos históricos, sociais e culturais. A obra prima a esse respeito foi a de Carol e Peter N. Stearns, *Anger: The struggle for emotional control in America's History* (1986), que coincidia com o nascimento da chamada “emocionologia” e que se encontra na base da nova história das emoções, por um lado, e da virada afetiva, por outro. Não há nada de estranho em que alguns dos acadêmicos mais relevantes no contexto da reflexão histórica ou sociológica das paixões, Barbara Rosenwein ou Thomas Dixon, tenham regressado à história da ira como forma de compreensão do presente. Ligada a outras emoções afins, como a cólera, a raiva ou a indignação, a ira vem sendo sinalizada como motor de revoltas populares ou, mais em geral, de mudança social. Desde os *enragés* da Revolução francesa até os indignados do início do século 20, o estado emocional que antecede a justiça retributiva aparece com frequência entre as causas da violência.

A ira vem sendo estudada pelos historiadores e pelos filósofos. Aqui, destaca-se especialmente a obra de Martha C. Nussbaum (2016), a qual, em seus livros sobre as emoções democráticas, considera que a ira é sempre problemática num sentido normativo, seja na esfera pessoal, seja na pública. Embora admita alguns casos limitados nos quais pode ter um valor instrumental, para nós e para os demais, no momento de indicar que uma falta foi cometida ou como uma fonte de *dissuasão*, também afirma que as ações iracundas contêm “erros profundos”, tanto por incoerência quanto por serem normativamente desagradáveis.

A desigual distribuição da ira no contexto social suscita, além disso, perguntas sobre sua transversalidade cultural ou as formas nas quais é valorizada dependendo do gênero. Neste último sentido, o trabalho de William V. Harris (2004) acerca do controle da ira na Antiguidade vem abrindo importante discussão sobre a ira feminina, cuja repercussão chega até os nossos dias. Enquanto Harris mostra que, no mundo antigo, era normal atribuir, mas também deslegitimar a ira feminina como parte de sua natureza irracional, encontramos hoje com não muitos movimentos reivindicatórios amparados justamente nessa emoção. A escritora Lauren Groff (2022), por exemplo, argumenta que “a raiva feminina é uma força do bem, o antídoto contra a *‘mujer florero’*”. Nessa direção, as contribuições a partir da teoria *queer* e dos feminismos vêm lançando uma nova luz sobre esse fenômeno emocional. Isso também ocorre quanto à atribuição da ira a grupos sociais estigmatizados, aos quais é concedido o privilégio da indignação coletiva como último recurso. Em ambos os casos, no que se refere ao gênero e à geopolítica do ódio, faltam realizar estudos comparados, tanto do ponto de vista histórico quanto do transcultural. Muito pouco tem sido feito, por exemplo, para estudar a justificativa da ira no mundo muçulmano, assim como não temos estudos sobre a ira de deus no contexto das religiões judaico-cristãs. Desconhecemos, quase totalmente, a forma na qual se modificou e por quê, o valor que se concede a essa reação emocional, seja sob a forma mais amenizada do enfurecimento, seja sob as formas mais radicais da crueldade ou da raiva. E, embora disponhamos de algum estudo sobre sua medicalização e tratamento no contexto do início da medicina mental (Moscoso 2016) e da saúde pública, pouco ou quase nada vem sendo feito para esclarecer o retorno da ira no âmbito da saúde.

Mais além de estarmos ou não numa “idade da ira” — como indica Pankaj Mishra (2017) —, a atualidade e relevância do tema estão, ao nosso ver, bem como a necessidade de abordá-lo a partir de uma nova abordagem plural. Depois de tudo, a ira é uma realidade heterogênea que vem tendo diversos usos sociais ao longo de uma história complexa não isenta de conflitos. Desde a condenação do budismo ou do estoicismo antigo até o descobrimento de suas virtudes políticas (Rosenwein 2020) — ou, pelo menos, de algumas de suas expressões que podem contribuir para combater a desigualdade em nossas sociedades contemporâneas (Quintana 2021) —, a história dessa emoção é tão plural que requer uma abordagem multidisciplinar. Nesse sentido, para articular uma visão holística que incorpore as novas linhas de pesquisa sobre a ira, também é imprescindível contar com as contribuições da psicologia social que surgem em resposta à obra de Gurr (1970) e que salientam o papel dos fatores psicológicos no desencadeamento da violência política, bem como as novas abordagens teóricas que tratam do fenômeno da ira sob o ponto de vista da literatura ou da filosofia.

Nesse contexto, o objetivo deste número é compilar artigos que estudem a temática da ira a partir de diferentes disciplinas, tradições e perspectivas. Os eixos temáticos são:

- passado e presente da ira;
- a ira como emoção política;
- a ira e o gênero;
- a ira no mundo não ocidental;
- a justificativa religiosa da ira;
- a ira e a doença mental;
- a ira no contexto dos movimentos sociais do século 21;
- a ira na literatura e na filosofia

Referências

1. Dixon, Thomas. 2020. "What is the history of anger a history of?". *Emotions: History, Culture, Society* 4: 1-34. <https://doi.org/10.1163/2208522X-02010074>
2. Groff, Lauren. 2022. "Lauren Groff: 'la rabia femenina es una fuerza del bien, el antídoto a la mujer florero'". Por Noelia Ramírez. *El País*, 30 de setembro. <https://elpais.com/babelia/2022-09-30/lauren-groff-la-rabia-femenina-es-una-fuerza-del-bien-el-antidoto-a-la-mujer-florero.html>
3. Gurr, Ted Cambridge: Harvard University Press.
4. Mishra, Pankaj. 2017. *Age of anger. A history of the present*. Londres: Penguin.
5. Moscoso, Javier. 2016. *Promesas incumplidas. Una historia política de las pasiones*. Madri: Taurus.
6. Nussbaum, Martha C. 2016. *Anger and forgiveness: Resentment, generosity, and justice*. Oxford: Oxford University Press.
7. Quintana, Laura. 2021. *Rabia. Afectos, violencia, inmunidad*. Barcelona: Herder.
8. Rosenwein, Barbara H. 2020. *Anger. The conflicted history of an emotion*. New Heaven, CT: Yale University Press.
9. Stearns, Carol e Peter N. Stearns. 1986. *Anger: The struggle for emotional control in America's History*. Chicago: University of Chicago Press.
10. Robert. 1970. *Why men rebel*. Princeton: Princeton University Press.
11. Harris, William V. 2004. *Restraining Rage. The ideology of anger control in Classical Antiquity*.